



mISSN 1984-5634

O FUTEBOL PROLETÁRIO E NEGRO NO EXTREMO SUL DO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DA LIGA SPORTIVA RIO BRANCO (1926-1930)

Proletarian and black soccer in the extreme south of Rio Grande do Sul: the case of Liga Sportiva Rio Branco (1926 - 1930)

FELIPE TREVISO BRESOLIN¹

RESUMO

Na primeira metade do século XX, o futebol representou uma grande fonte de lazer das massas populares urbanas. Porém, em seus primórdios, o esporte bretão era uma prática dos setores dominantes, que se utilizavam de diversos mecanismos para consolidar um filtro social classista e racista nas entidades futebolísticas. Tais interdições, contudo, não foram capazes de afastar o esporte dos trabalhadores, sobretudo negros, que encontraram formas de driblar esses marcadores de desigualdade. Na cidade do Rio Grande/RS, o maior símbolo dessa articulação é a Liga Sportiva Rio Branco, fundada em 1926, que congregava clubes operários e ligados à comunidade negra rio-grandina. O presente artigo busca demonstrar como o futebol, com ênfase no caso da liga citada, desempenha um papel de criação de laços de classe e contribui fundamentalmente para ações de sociabilidade e de pertencimento, sendo parte importante das intensas disputas em torno das identidades de classe e raça.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; classe trabalhadora; raça.

ABSTRACT

In the first half of the 20th century, soccer represented a great source of leisure for the urban masses. However, in its early days, the breton sport was a practice of the dominant sectors, which used several mechanisms to consolidate a classist and racist social filter in soccer entities. Such interdictions, however, were not able to keep the sport away from the workers, especially blacks, who found ways to circumvent these markers of inequality. In the city of Rio Grande/RS, the greatest symbol of this articulation is the Liga Sportiva Rio Branco, founded in 1926, which brought together workers' clubs and those linked to the black community in Rio Grande. This article seeks to demonstrate how soccer, with emphasis on the case of the aforementioned league, plays a role in the creation of class ties and contributes fundamentally to actions of sociability and belonging, being an important part of the intense disputes around class and race identities.

KEYWORDS: soccer; working class; race.

EDITORA-CHEFE:

Elisa Schneider Venzon

EDITOR-GERENTE:

Leandro Ferreira Souza

SUBMETIDO: 27/07/2023

ACEITO: 13/11/2023

COMO CITAR:

BRESOLIN, F. T. O futebol proletário e negro no extremo sul do Rio Grande do Sul: o caso da Liga Sportiva Rio Branco (1926-1930). *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 201-221, dez.-mar. 2024.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Doutorando e mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4844-0454>. E-mail: felipetbresolin@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1962439077661582>.

Contemporaneamente, o futebol é considerado para muito além do próprio jogo. Poucos fenômenos são capazes de mobilizar as energias populares e reconfigurar o imaginário de um país, a ponto de ser entendido, dentre as coisas menos importante da vida, a mais relevante. Apesar disso, ao longo da história, naturalizou-se a ideia de entendê-lo como um espaço unicamente de despolitização e alienação, negando a possibilidade de enxergá-lo como um recinto de mobilização e de agência política. Nos últimos anos, porém, reacendeu o debate social e acadêmico² sobre o futebol como algo atrelado às relações sociais que o circundam³. Neste contexto, em que a discussão acerca do binômio futebol e política volta a ganhar força, torna-se, portanto, ainda mais indispensável analisá-lo enquanto um produto social e um fenômeno de massas, analisando-o como parte importante das intensas disputas em torno das identidades de classe e raça na história do Brasil.

A história da cidade do Rio Grande e do futebol estão entrelaçadas. O município litorâneo do sul do Rio Grande do Sul é reconhecido nacionalmente por abrigar o clube de futebol mais antigo do Brasil, cujas atividades esportivas se mantêm sem interrupção das suas atividades esportivas: o Sport Club Rio Grande. Mesmo que haja polêmicas em torno desse dado⁴, a data de fundação desta agremiação, 19 de julho de 1900, foi definida como o “Dia do Futebol” no país, evidenciando sua representatividade no mundo da bola. Além disso, segundo Rigo (2004), tal clube foi responsável por disseminar o esporte por todo Rio Grande do Sul, tendo influência, inclusive, na fundação de grandes equipes gaúchas, como o Pelotas e o Grêmio. Formado por jovens descendentes europeus ligados à burguesia local, o S.C. Rio Grande calcificou-se na memória oficial como o grande responsável pela criação e consolidação das primeiras entidades esportivas na cidade. Contudo, o futebol rapidamente se proliferou entre os demais segmentos sociais, encontrando forte respaldo entre a classe trabalhadora e disseminando-se principalmente a partir da década de 1910 na cidade⁵, tornando-se um típico “esporte proletário de massas” (HOBSBAWM, 2000, p. 268).

² Como fruto desse acúmulo, pode-se citar o livro organizado por Guazzelli et al (2021), que reúne diversas produções acadêmicas acerca do futebol no Rio Grande do Sul, e o material sistematizado por Hollanda & Fontes (2022), articulando o futebol com o mundo do trabalho.

³ O protagonismo de torcedores organizados de diversas equipes nas manifestações de cunho antifascista em 2020 e as contestações acerca da realização da Copa do Mundo no Catar, país marcado pela constante exploração de trabalhadores imigrantes e pela criminalização de relações entre pessoas do mesmo sexo, corroboram que movimentos populares vindos da arquibancada, se politizados, questionam as coisas não só no futebol.

⁴ A confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), declarou, em 1975, que o SC Rio Grande é considerado o clube de fundação mais antigo em atuação no Brasil. A Ponte Preta de Campinas/SP, por sua vez, reivindica o posto de clube mais velho do Brasil, alegando que houve anos em que o SC Rio Grande interrompeu suas atividades esportivas. Este embate já rendeu ações judiciais por parte da equipe rio-grandina, com objetivo de evitar que o clube paulista utilize o slogan em seu estádio. Ver em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/clube-de-futebol-mais-antigo-do-brasil-rio-grande-sobrevive-longo-da-elite-e-busca-retorno/#page7>. Acesso em: 13 jun. 2023.

⁵ Sobre a ampla gama de clubes vinculados à classe trabalhadora rio-grandina, alguns ligados mais diretamente às fábricas das cidades e outros formados por trabalhadores mistos e de diferentes profissões, ver: Bresolin (2023).

Diante da massificação do futebol, os setores dominantes buscaram mecanismos para hegemonizar a prática do esporte na cidade, buscando não só preservar o perfil social das suas agremiações, mas também definir e selecionar os segmentos sociais que poderiam praticá-lo. Por isso, foi construída uma série de obstáculos, baseados em um filtro social classista e racista, para impossibilitar o acesso dos clubes ligados às classes populares nas ligas oficiais. No caso da Liga Rio-Grandense, principal entidade futebolística de Rio Grande, estabeleceu parâmetros extremamente elitistas amparados em dois marcadores de exclusão: classe social e cor. À guisa de exemplo, exigia-se o pagamento de uma mensalidade anual à entidade estadual (A LUCTA, Rio Grande, 18/6/1925), a obrigatoriedade de um campo estruturado (A LUCTA, Rio Grande, 26/6/1925) e a exclusão de jogadores que não sabiam ler e escrever (A LUCTA, Rio Grande, 16/4/1926). Ou seja, de maneira velada ou explícita, a liga oficial de futebol da cidade impedia a participação de trabalhadores, negros e analfabetos⁶. É importante frisar que tais marcadores de exclusão no âmbito do futebol não era exclusividade de Rio Grande. Pereira (1998) e Santos (2018) detectaram, respectivamente, diretrizes semelhantes nas ligas do Rio de Janeiro e Porto Alegre.

De toda forma, longe de serem vítimas passivas, os trabalhadores, mesmo em condições dadas e limitadas, são atores históricos influentes e não estão à revelia da tutela burguesa, estabelecendo táticas e estratégias de resistência organizada. Nesse sentido, um dos artifícios mais utilizados pela classe trabalhadora ao longo da história, foi o desenvolvimento de alguns tipos de associações próprias, que iam desde a defesa de interesses comuns e de determinada categoria, passando por aspectos de amparo, beneficência, lazer e cultura⁷. O exemplo mais evidente dentro da temática que se propõe analisar neste momento é a criação da *Liga Sportiva Rio Branco*, em 1926, formada por clubes vinculados ao meio operário e à comunidade negra rio-grandina, excluídos de forma sumária da principal entidade futebolística de Rio Grande⁸. Sendo assim, o principal objetivo do artigo é investigar se esta liga extrapolou as finalidades meramente esportivas, sendo um espaço estratégico de conflito entre as classes sociais e de formação de identidade. Será analisado, para tal,

⁶ Referente à alfabetização na cidade do Rio Grande, Loner (2016, p. 45) aferiu que, em 1888, somente 40% dos habitantes sabiam ler e escrever. Em 1911, a proporção de alfabetizados subiu para 42,4%. A autora constatou que os índices não melhoraram muito nos anos seguintes, com a cidade convivendo com alto número de analfabetismo. Dessa forma, levando em conta que tais índices incidem com mais força nos setores populares, Loner verificou que boa parte da classe trabalhadora da cidade – que, como veremos ao longo do artigo, é majoritariamente negra -, mal sabia ler e escrever nas primeiras décadas do século XX.

⁷ Para um debate mais aprofundado sobre o associativismo como tema historiográfico no Brasil, recomenda-se: POPINIGIS, Fabiane et. al. Dossiê: Associativismo e experiência negra nas lutas por direito. **Revista Latinoamericana de Trabajo y Trabajadores**, 2 (mayo-octubre 2021), 215-257.

⁸ Em relação à existência da Liga Rio Branco, o primeiro trabalho que levantou a sua aparição foi o de Loner (2016), ainda que o futebol não fosse o foco principal da sua pesquisa. Mackedanz e Rigo (2021), por sua vez, abordam de forma mais efusiva a existência desta entidade, destacando principalmente as questões raciais no âmbito futebolístico rio-grandino. O vínculo proletário e negro, bem como a relação mais ampla com símbolos e lideranças operárias, foi trabalhado na pesquisa do mestrado de Bresolin (2023).

o perfil social dos clubes filiados à entidade, a relação que ela possuía com outras associações de classe e a relevância que os trabalhadores negros detinham nesta organização.

Em relação às fontes utilizadas, opera-se com periódicos e documentos da cidade do Rio Grande no escopo temporal analisado. Entre aqueles de maior circulação e ligados aos setores dominantes da cidade, vale-se dos jornais *Echo do Sul*, *A Lucta* e *O Rio Grande*.

O jornal *O Rio Grande* era estritamente vinculado ao Partido Republicano – que governava o Estado e a cidade do Rio Grande na época. Apesar do seu alinhamento com os setores dominantes da cidade, o associativismo local sempre teve presença garantida em suas páginas, podendo ser encontradas diversas informações acerca de eventos sociais e recreativos, inclusive das agremiações operárias. O periódico *A Lucta*, por sua vez, contemplava os anseios e reivindicações dos setores médios e trabalhistas do município. Assumidamente de caráter oposicionista, possuía uma coluna semanal voltada às pautas do cotidiano operário e possuía um perfil mais investigativo em sua linha editorial. Por isso, é possível encontrar diversas notícias referentes às tensões que permeavam o futebol rio-grandino. Já o *Echo do Sul* buscava uma postura mais “neutra”, se caracterizando como um jornal mais industrial e comercial. Porém, devida a sua antiga veiculação, foi o primeiro periódico de Rio Grande a trazer a pauta esportiva em suas páginas.

Materiais relacionados organicamente aos trabalhadores também serão utilizados, como o jornal *O Tagarela*, vinculado à comunidade negra e proletária da cidade, e os livros de atas e toda documentação que restou da Sociedade União Operária (SUA), a mais importante entidade operária do início da República em Rio Grande (LONER, 2016, p. 125). A combinação desses periódicos com a documentação vinculada às associações de classe permite-me a construção de um panorama amplo do futebol em Rio Grande. Por entender o significado político da imprensa e que os jornais se transformam em locais de disputas por uma determinada ideologia (FRAGA, 2009, p. 154), acha-se necessário definir critérios vinculados com parâmetros internos e externos críticos, trazendo à lua sua orientação política e a sua vinculação social.

A LIGA SPORTIVA RIO BRANCO: ORIGENS, CLUBES FILIADOS E VINCULAÇÕES SOCIAIS

No Rio Grande do Sul encontra-se diversos casos de ligas de futebol compostas predominantemente por clubes de origem negra e proletária, subterfúgio utilizado por esses sujeitos para driblar os marcadores de exclusão presentes na sociedade. Em Pelotas, também situada na metade sul do Rio Grande do Sul, a *Liga José do Patrocínio* foi fundada em 10 de junho de 1919, aglutinando clubes oriundos das camadas populares da cidade, sobretudo operários negros e

importantes lideranças sindicais⁹. Situação análoga ao caso de Pelotas aconteceu na cidade de Bagé, localizada na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, com a formação da *Liga 13 de Maio*.

Tanto Pelotas quanto Bagé, a exemplo de Rio Grande, foram cidades que tiveram influência significativa no sistema escravista sul-rio-grandense (e também do Brasil). Devido aos polos das charqueadas, no caso de Pelotas e Rio Grande, e da economia agropecuária de Bagé, a presença de trabalhadores escravizados no período oitocentista na região foi mais abundante que em outras localidades do Estado. Para Beatriz Loner, por conta dessa formação social-econômica, os trabalhadores negros transformam-se, inclusive, nos “operários em excelência” (LONER, 2016, p. 167), passando a ser o setor majoritário da classe trabalhadora em formação naquela região. Dessa forma, a presença de muitas lideranças negras em organizações operárias, de jornais, clubes sociais e outras formas associativas era algo muito latente nestas cidades. O próprio nome das ligas escancara a influência que lutas anteriores tiveram na formação das organizações no período da pós-abolição. No caso de Pelotas, o nome é uma homenagem ao abolicionista negro José do Patrocínio; já em Bagé, remete-se à data de promulgação da Lei Áurea. A Liga Rio Branco, por sua vez, trata-se uma alusão à forma como a Lei do Ventre Livre ficou amplamente conhecida¹⁰.

Dessa forma, corrobora-se com o historiador Marcelo Badaró Mattos que atenta que os valores e referências culturais que articulam a consciência dessa classe em formação não surgem do nada, mas,

A partir da experiência da exploração e das lutas de classe anteriores. Ou seja, numa sociedade como a brasileira, marcada por quase quatro séculos de escravidão, não seria possível pensar o surgimento de uma classe trabalhadora assalariada sem levar em conta as lutas de classe – e os valores e referências – que se desenrolaram entre os trabalhadores escravizados e seus senhores, particularmente no período final da vigência da escravidão, quando a luta pela liberdade envolveu contingentes cada vez mais significativos de pessoas. (MATTOS, 2010, p. 16)

Nessa mesma linha, Loner, em seus estudos sobre Pelotas e Rio Grande, aponta que esta dupla representação por parte de elementos da comunidade negra era praticamente uma necessidade, pois somente a sua integração na sociedade como trabalhador livre – operário -, poderia gerar alguns avanços frente à situação de marginalização e precarização que recaía sobre tal segmento social,

Reconheciam e criticavam os limites da emancipação de 1884, buscando sempre ampliar as oportunidades para a raça negra, inicialmente na luta contra a escravidão e depois, lutando pela integração econômica e social do elemento negro na sociedade, através da educação e da luta por melhores condições de vida e trabalho para o operariado. Não foi acaso que as associações negras estavam sempre presentes em todos os atos, manifestações e festas operárias da República Velha na cidade, como também não foi sem motivo que tantos

⁹ Ver Mackedanz (2016).

¹⁰ Acha-se diversos clubes e associações negras chamadas de “Rio Branco” no Rio Grande do Sul no período do pós-abolição. Em Santa Maria, existiu uma equipe de futebol com este nome (GRIGIO et. al, 2020, p. 29); já em Bagé, um jornal organizado por trabalhadores negros se chamava pelo mesmo nome (ROSA, 2018, p. 55).

líderes operários pelotenses fossem negros e com dupla militância: em associações operárias e em associações de raça, sejam recreativas, de representação ou beneficente. (LONER, 2016, p. 168)

A formação dessas entidades esportivas se iniciou através de uma intensa rede de cooperação e interação entre as agremiações de Rio Grande e Pelotas. Meses após a criação da Liga José do Patrocínio, em 1919, é noticiado no *Jornal Alvorada*¹¹ a ida de uma comissão da liga à cidade do Rio Grande com objetivo de “unir” as equipes daquelas cidades.

Domingo passado, uma comissão da Liga, a convite, foi ao Rio Grande, tratar da organização de jogos intermunicipais, e fazer esforços pela união entre os valentes clubes esportivos daquela cidade, encontrando o melhor acolhimento. Vários esforçados cavalheiros ali residentes, amigos do progresso e das belas iniciativas, hipotecaram a sua solidariedade à Liga José do Patrocínio, prometendo trabalhar com afinco pela união dos mesmos sports, o que é uma rósea esperança a derramar o néctar do entusiasmo nos nossos corações, cheios de fé pelo rápido andamento das nossas aspirações. É uma causa santa a que está ativando a Liga, porque não é mais uma questão social, mas sim, uma questão de honra, para combater a prepotência existente contra a raça e contra aqueles que se fazem e vivem pelo trabalho. Assim, pois, o triunfo da Liga, que é certo, constitui uma das mais sublimes páginas das nossas associações esportivas. Tudo pela Liga!! (ALVORADA, Pelotas, 20/07/1919)

A primeira chave de interpretação possível neste momento, antes mesmo de adentrar no caso da Liga Rio Branco em si, é detectar a capacidade de articulação que existia entre os trabalhadores das duas cidades. Percebe-se, também, a relação daquelas agremiações com as questões de classe social e raça, presente de forma clara na matéria que documenta a ida de representantes de Pelotas para a cidade vizinha, vista como uma “questão de honra” para combater a prepotência “de raça” e “de quem vive do trabalho” no cenário futebolístico da região. Porém, é somente no mês de julho de 1927 que se encontram notícias sobre a formação de um campeonato à parte da principal entidade futebolística em Rio Grande, articulado pelo “grande número de clubes não filiados à Liga Rio-Grandense” (A LUCTA, Rio Grande, 30/7/1926).

Temos delicada comunicação de haver sido fundada nesta cidade a Liga Sportiva Rio Branco, a que estão filiados os clubes Cruzeiro, Bangú, Democrata, Rio Negro, Andarahy e L. Verde. A nova Liga, que se destina a pugnar pelo progresso do foot-ball, e a organizar as partidas e campeonatos, tem como presidente o Sr. João Francisco de Mello. (RIO GRANDE, Rio Grande, 17/08/1926)

Sobre João Francisco de Mello, presidente da Liga no biênio 1926/1927, não foi possível encontrar mais informações a respeito. Porém, na divulgação de comemoração do terceiro aniversário da Liga Rio Branco em 1929, registra-se uma romaria da diretoria ao túmulo de João Francisco de Mello, o que me leva a entender que este teve uma morte precoce, não possuindo uma atuação muito duradoura na frente da entidade. Em seu lugar, assume João José Loretto, trabalhado negro e sujeito ativo em diferentes práticas associativas do proletariado negro de Rio Grande (O

¹¹ O *Jornal Alvorada* circulou em Pelotas desde 1907 e é considerado um dos jornais mais antigos da imprensa negra brasileira. Inicialmente, não estava incluso no *corpus documental* da pesquisa, mas como existe um intenso intercâmbio entre Pelotas e Rio Grande, resolveu-se utilizar somente este fragmento.

TAGARELA, Rio Grande, 04/08/1929). Percebe-se, desta forma, mais um indicador contundente de demarcação social da Liga com esse segmento da cidade.



Figura 1. João José Loretto, presidente da Liga Sportiva Rio Branco. Fonte: Acervo pessoal da família Loretto.

Em relação aos clubes filiados à entidade, apesar de muitos deles terem tido uma vida efêmera e, por isso, não terem deixado vestígios, foi possível encontrar indícios sobre o perfil social de algumas das equipes. O *Sport Club Cruzeiro do Sul*, por exemplo, era atrelado aos operários da Cervejaria Schmidt, constando figuras do patronato nos cargos mais altos da direção (ECHO DO SUL, Rio Grande, 11/06/1925). Em pelo menos duas vezes, tal clube tentou se filiar à principal liga futebolística da cidade mas, em ambos os casos, não teve suas reivindicações aceitas e sua entrada foi vetada. Já dentro da Liga Rio Branco, além de ser um dos clubes fundadores, o Cruzeiro ocupou um papel de protagonismo esportivo, sendo o principal expoente técnico entre as equipes filiadas, sagrando-se campeão nos anos de 1926, 1927 e 1929 (RIO GRANDE, Rio Grande, 22/10/1929).

Outro clube fundador e com boa performance dentro do campo é o *Sport Club Rio Negro*, associação esportiva mais expressiva vinculada à comunidade negra rio-grandina. Um dos representantes da sua direção, no cargo de orador oficial, era o operário negro Carlos Santos (O TAGARELLA, Rio Grande, 01/05/1930). Segundo Loner (2013, p. 13), Santos era uma das principais referências do associativismo negro na cidade, auxiliando na fundação de diversas entidades carnavalescas e teatrais atreladas a esse segmento social. Além disso, foi um líder sindical destacado de Rio Grande como fundador do Sindicato dos Metalúrgicos, onde assumiu os cargos de secretário-geral e presidente, e participante da organização da Frente Sindical de Rio Grande no pós-1930.

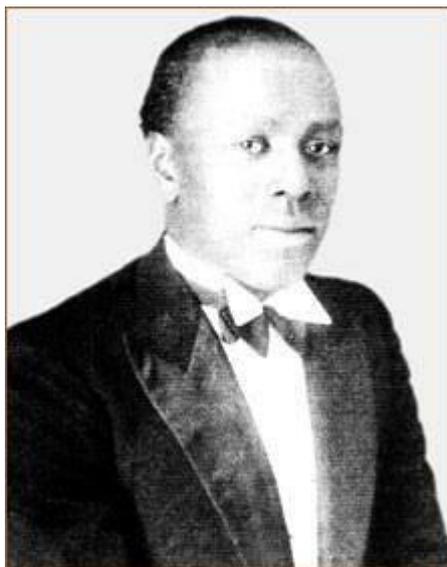


Figura 2. Carlos Santos, dirigente do S. C. Rio Negro e importante liderança operária e negra da cidade. **Fonte:** Acervo pessoal da família Santos.

Para além da presença desse quadro importante do movimento operário e negro na sua diretoria, outras informações relacionam o S.C. Rio Negro ao proletariado negro de Rio Grande, como a sua presença ativa no associativismo rio-grandino em geral, representada na imprensa negra local. Por exemplo, a agremiação realizava diversas ações e festivais com associações bailantes, teatrais e carnavalescas vinculadas à classe trabalhadora, todas elas amplamente divulgadas pelo periódico *O Tagarela* (O TAGARELLA, Rio Grande, 07/07/1929 e O TAGARELLA, Rio Grande, 01/05/1930). Além disso, são encontradas informações de viagens à cidade de Pelotas para enfrentar clubes ligados ao operariado negro da cidade, como o G. S. Vencedor (MACKEDANZ, 2016, p. 120).

Outra equipe que provavelmente teve influência significativa entre a comunidade negra de Rio Grande é o *Sport Club Progresso*. Fundado em 1910 (ECHO DO SUL, Rio Grande, 15/10/1928), o clube figurou entre o ciclo futebolístico da cidade desde seu início, chegando a atuar na Segunda Divisão da Liga Rio-Grandense de Futebol em 1916 (CORREIA, 2014, p. 71). Diferente do S. C. Rio Negro, não se encontram muitas informações disponíveis sobre seu corpo diretivo. Contudo, acham-se vinculações significativas com entidades operárias e, principalmente, com a imprensa negra (O TAGARELLA, Rio Grande, 01/05/1930).

Foram encontrados alguns registros sobre o *Sport Club Andarahy* e o *Sport Club Bangú*, mas possivelmente ambas equipes também possuíam um perfil fabril entre seus jogadores. O que mais chama a atenção, nesse caso, é que ambos os clubes são homônimos das agremiações cariocas “Andarahy” e “Bangú”, que ficaram nacionalmente conhecidas por serem pioneiras no acolhimento

de jogadores operários e negros em seus plantéis¹². Além disso, aquelas agremiações mantinham relações profundas com outras associações esportivas com nomes relacionados ao Rio de Janeiro: Carioca e Vasco da Gama (ECHO DO SUL, Rio Grande, 04/05/1926). Supõe-se, assim, que a escolha dos nomes dos clubes reafirma uma identidade de categoria de trabalho, por se espelharem em times reconhecidamente de fábricas ou de pertencimento territorial, no caso pela influência de nomenclaturas advindas do Rio de Janeiro.

Mais escassas são as informações acerca das demais equipes. Dentre os clubes fundadores, não foi possível aferir o vínculo social do *Sport Club Democrata*. Já sobre o *Vila Verde Football Club*, alguns indícios levam a relacioná-lo com os operários da Vila Operária de Santa Tereza, que abrigava portuários e demais trabalhadores que participaram da construção do Porto Novo¹³. Outras agremiações se filiaram à Liga Rio Branco com o passar dos anos, a exemplo do *Grêmio Sportivo Brasil*, fundado por operários da Cia. Swift, empresa norte-americana de frigorífico instalada na cidade em 1918, e o *Sport Club Internacional*, com uma delimitação mais ambígua em relação à sua composição social, mas que se aproxima desta entidade após desentendimento com os principais clubes da cidade.

Após esse primeiro levantamento dos clubes que compunham a Liga Rio Branco, é possível fazer alguns apontamentos. Em primeiro lugar, se tratava de uma liga proletária de futebol, ou seja, com uma base social predominantemente ligadas aos setores populares e que congregava segmentos variados da classe trabalhadora rio-grandina. As fontes analisadas, portanto, levam-me a compreender que tal liga não era exclusivamente composta por trabalhadores negros, formando-se, em seu interior, muitos clubes mistos e com a presença de diversos operários brancos, principalmente aqueles formados no meio fabril. Entretanto, é inegável o papel central dos trabalhadores negros nesta organização. Da articulação inicial com a associação futebolística de Pelotas, passando pelo simbolismo do nome escolhido pela liga, até a ocupação dos cargos de direção, tudo isso aponta para a necessidade de contemplar a delimitação racial como fator relevante da sua constituição. Dessa forma, reforça-se, uma vez mais, que as questões de classe estão diretamente ligadas às questões de raça, ainda mais no contexto de cidades como Rio Grande, que contou com uma forte presença da escravidão. Dessa forma, só será possível entender a classe trabalhadora e suas formas diversas de organização abordando o papel e o protagonismo dos trabalhadores negros neste processo.

¹² Mais informações sobre o Andarahy e o Bangú, dois clubes ligados às fábricas do Rio de Janeiro, e sua relação com os jogadores operários e negros, ver: Rodrigues Filho (2003) e Pereira (1998).

¹³ Para mais informações sobre a Vila Operária Santa Tereza, ver Martins (1997).

O “ÓPIO DO POVO”? A RELAÇÃO DA LIGA RIO BRANCO COM AS DEMAIS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE

Em linhas gerais, o movimento operário e o futebol tenderam a seguir caminhos distintos ao longo da história. Variadas correntes políticas não viam com bons olhos a paixão e o tempo que a classe trabalhadora desprendia para a prática esportiva. Tal perspectiva não era exclusiva das lideranças operárias brasileiras, uma vez que Hobsbawm (2000, p. 297) detectou um comportamento semelhante no caso inglês, onde a vanguarda política inglesa do final do século XIX desprezava uma boa parte do modo de vida da nova classe operária, a exemplo da cultura do futebol, por achá-la secundária e forma de dispersão de energia para a luta. Contudo, à medida em que percebem que o futebol se torna a grande fonte de lazer das massas populares urbanas, um legítimo “esporte proletário de massas”, cabe às correntes políticas se adaptarem e construírem uma relação de afinidade com tal prática esportiva¹⁴.

Na década de 1920, período em que a Liga Rio Branco foi fundada, Rio Grande enfrentava uma desmobilização considerável da luta de classes, tanto em termos de greves, quanto de desmantelamento das associações e sindicatos mais combativos, devido à forte repressão que o movimento operário sofreu nas grandes greves de 1918 e 1919 e às tensões e disputas no interior das entidades classistas. (LONER, 2016, p.154). Quem conseguiu se manter relativamente a salvo da repressão e do ostracismo, permanecendo como um local estratégico de aglutinação das pautas dos trabalhadores, foi a Sociedade União Operária (SUO), maior e mais duradoura entidade operária de Rio Grande:

A Sociedade União Operária foi a grande entidade operária das primeiras décadas, fundada por um grupo de operários e artesões e congregando a parcela da classe operária mais suscetível a mobilização, contribuindo, assim, para a unificação do movimento. Ela constituiu-se numa entidade operária, com objetivos educacionais, beneficentes e de representação de classe. Tendo sido fechada definitivamente apenas com o golpe militar de 1964, ela manteve, por décadas, uma presença física e organizacional marcante na cidade do Rio Grande. (LONER, 2001, p. 23)

Além de ser um instrumento privilegiado e de referência para a organização da classe trabalhadora de Rio Grande, através do seu amplo salão social, situado na região central da cidade, a SUO também servia como espaço de centenas de conferências, palestras, comícios, assembleias e apresentações culturais. Entre as diversas associações que requisitavam a sua estrutura para suas atividades, estão os clubes filiados à Liga Rio Branco. Como a participação operária e popular nesses times era majoritária, o local era o preferido para a realização de reuniões, festivais e comemorações. Segundo registros dos livros de atas da diretoria da SUO, o aluguel do seu salão social era uma das

¹⁴ Sobre a aversão de determinadas correntes políticas do movimento operário brasileiro pelo futebol, a pesquisa de Fátima Antunes (1992) foi a primeira a detectar a negação dos grupos anarquistas em relação ao futebol em São Paulo. Bresolin (2023) e Stédile (2015) observaram comportamento semelhante dos libertários em Rio Grande e Porto Alegre, respectivamente. Os comunistas parecem ter tido uma postura diferente a partir da década de 1930, criando, inclusive, ligas próprias de futebol no meio operário (STÉDILE, 2015, p. 112).

principais formas de renda e de autofinanciamento da entidade, que estava aberta ao conjunto de organizações das “classes trabalhadoras” da cidade (Ata Dir. SUO, nº. 34, 19/09/1926). Em alguns casos, permitiam o uso do seu palco-salão em troca de parte do lucro que os espetáculos ali realizados arrecadavam. Ao analisar o Livro da Tesouraria da SUO entre os anos 1923-1929, vê-se a solicitação da sede da entidade por diversos clubes de futebol:

Solicitação do salão social da SUO pelos clubes filiados à Liga Rio Branco

Clube solicitante	Data da atividade
Sport Club Progresso	Outubro de 1926
Grêmio Sportivo Minas Geraes	Outubro de 1926
Sport Club Carioca	Novembro de 1926
Sport Club Andarahy	Novembro de 1926
Sport Club Bento Gonçalves	Novembro de 1926
Sport Club Cruzeiro	Janeiro de 1927
Sport Club Rio Negro	Fevereiro de 1927
Sport Club Rio Negro	Janeiro de 1928
Sport Club Bangú	Fevereiro de 1928

Tabela 1. Fonte: Livro da Tesouraria da SUO 1923-1929, acervo da SUO. Sistematizado pelo o autor.

Percebe-se que grande parte dos clubes filiados à Liga utilizaram a estrutura da entidade operária, inclusive aquelas agremiações que não foram possíveis aferir muitas informações a respeito. Evidencia-se, com isso, que é frágil a defesa da dicotomia entre as sociedades voltadas à sociabilidade e ao lazer dos trabalhadores e àquelas organizadas de modo mais explícito para defender os interesses dos operários pois, em muitos casos, essas duas vivências organizativas aparecem articuladas em uma mesma experiência. De acordo com Hobsbawm (2000, p.259), por muito tempo a historiografia operária limitou sua abordagem confinada às quadros paredes da fábrica, submetida mecanicamente à produção e a economia, ou através dos estudos da ideologia e das organizações associadas às lutas operárias. Ou seja, quando os trabalhadores não estavam na linha da montagem, só era possível analisá-los em um sindicato ou partido político.

No entanto, diferentemente do que se poderia pensar no sentido de que a não existência dessas práticas de sociabilidade pudesse desencadear uma maior demanda de energia em entidades partidárias e sindicais, uma ampla gama de pesquisas dentro da historiografia do trabalho indica que a participação dos trabalhadores/as nas associações diversas não inviabilizava o seu engajamento nas esferas da luta operária¹⁵.

Retornando à questão de Rio Grande, não foi possível encontrar o conteúdo de todas as reuniões realizadas pelos clubes na sede da SUO. Porém, as fontes analisadas sugerem que a maioria das reuniões eram voltadas à preparação de festivais e espetáculos para congregação de seus filiados e arrecadação de fundos para as agremiações. Tais atividades eram divulgadas tanto pelos jornais

¹⁵ As pesquisas de Stédile (2015), Pereira (2020) e Loner (2016), por exemplo, identificaram o envolvimento simultâneo de operários em espaços de associativismos e em outras esferas de luta, como sindicatos e greves.

de maior circulação, mas principalmente pelos periódicos ligados aos trabalhadores (O TAGARELLA, Rio Grande, 1/05/1929 e O TAGARELLA, Rio Grande, 07/07/1929).

A divulgação dos encontros, através de cartazes, é encontrada em grande número no Acervo da Sociedade União Operária, materializando a forma estética e de agitação das festas operárias na cidade e extrapolando as simples notas publicadas nos jornais:

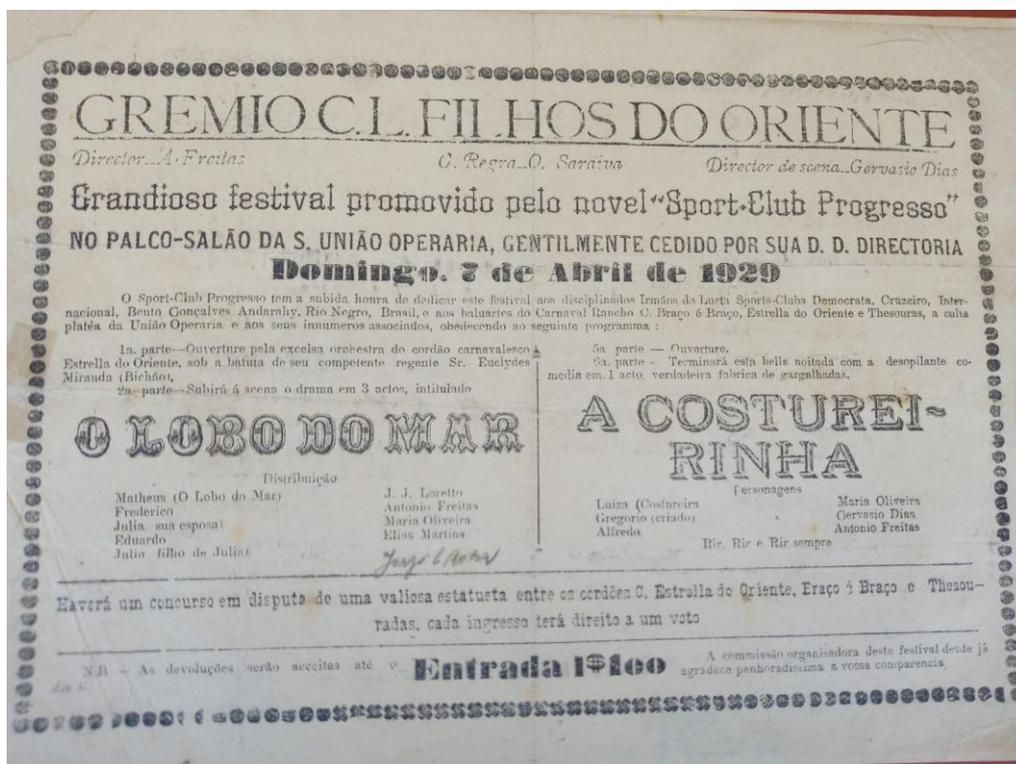


Figura 3. Divulgação de festivais na Sociedade União Operária. Fonte: Acervo Sociedade União Operária.

Ao longo da pesquisa foram encontrados diversos materiais de divulgação de festivais no palco-salão da SUO, muitos deles organizados por clubes de futebol. Escolheu-se o acima em específico pois abrange uma diversidade de atores sociais e associações. Além de uma dedicação especial do festival aos seus “disciplinados irmãos de luta”, ou seja, todos os clubes da Liga Rio Branco, observa-se a presença de outras agremiações recreativas vinculadas ao proletariado negro local. Nesse sentido, é importante destacar duas outras associações de cunho teatral e carnavalesco, respectivamente, que possuíam boas relações com a Liga: *O Grêmio Lírico Dramático Filhos do Trabalho* e o *Clube Recreativo Braço é Braço*. O primeiro era formado por elementos ligados à Sociedade União Operária, e havia predomínio de trabalhadores negros em sua composição (LONER, 2016, p. 95); já a agremiação carnavalesca foi fundada por trabalhadores negros carvoeiros e foguistas da Marinha Mercante em 1920 e serviu, até muito recentemente, como elemento de

nucleação e organização de várias outras associações negras na cidade, tendo como figura histórica no seu corpo diretivo o já citado Carlos Santos, orador oficial do S.C. Rio Negro¹⁶.

A partir do que foi exposto, atesta-se, novamente, o papel central que os trabalhadores negros tiveram nesses diversos espaços recreativos. Por isso, corrobora-se com Pereira (2020, p. 228) na perspectiva de que conteúdos sobre o associativismo podem ser um caminho interessante de aproximação entre os estudos voltados ao movimento operário e aqueles dedicados às experiências dos trabalhadores negros, parte do campo do pós-abolição, já que em grande medida, e especialmente em cidades onde a escravidão foi mais contundente, estas duas questões convergem de forma simultânea na vivência daqueles sujeitos.

Em relação à Liga Rio Branco, percebe-se que havia uma relação de proximidade com entidades de classe e com outras associações recreativas ligadas aos trabalhadores. Tal articulação favorecia laços de solidariedade e de conagração entre seus membros, ao mesmo tempo em que se formava uma identificação em comum, já que provinham de posições semelhantes na estrutura social. Além disso, em um contexto onde a presença sindical e partidária estava em crise, o futebol, sobretudo a Liga Rio Branco, se não foi elemento central de aglutinação dos interesses da classe trabalhadora de Rio Grande, com certeza teve uma contribuição fundamental neste processo e ofereceu um conteúdo político e cultural à prática esportiva.

Por último, não é menos relevante que as atividades da Liga Rio Branco fossem geralmente realizadas no palco-salão da Sociedade União Operária. Comungando com Fortes (1999, p. 213), entende-se que o elemento distintivo da identidade de classe pode em muitos momentos não estar explicitamente no discurso, mas residir em opções como a adesão à espaços que buscam o atendimento de certas demandas da classe. A escolha da sede da maior entidade operária da cidade para realizar suas reuniões e festejos por parte dos clubes ligados à Liga Rio Branco, assim, revela um sentimento de pertencimento de uma situação em comum dos que vivem do trabalho e, nesse processo, há afirmação de laços de identidade.

DECLÍNIO E O TÉRMINO PRECONCE DA LIGA

Desde a sua fundação, em 1926, os campeonatos da Liga Rio Branco transcorreram de forma normal, seguindo os parâmetros de outras ligas já existentes: o torneio início, costumeiramente realizado entre os meses de março e abril; o campeonato oficial, iniciando entre julho e agosto e indo até o final do ano; e, às vezes, um torneio de finalização de temporada. Entretanto, diferentemente da Liga José do Patrocínio que teve uma duração longa – de 1919 até

¹⁶ Sobre a história e importância sociocultural do Braço é Braço para a comunidade negra de Rio Grande, ver mais em Cruz (2014).

meados de 1933 -, a liga rio-grandina teve uma performance menor no círculo futebolístico da cidade, deixando de existir em 1930.

O ponto de inflexão dar-se-ia nas primeiras rodadas da temporada oficial de 1930, quando um caso de extrema violência deu um ponto final na sua trajetória. Na tarde do dia 06 de julho de 1930, por volta das quatro horas da tarde, o jogo entre os clubes do S. C. Cruzeiro e S. C. Internacional, realizado no campo do segundo, foi bruscamente interrompido por conta de uma briga generalizada entre jogadores e torcedores das duas equipes, que resultou na morte de um atleta cruzeirense:

Homicídio

Ontem, mais ou menos às 16h, no campo do Sport Club Internacional, quando o quadro do mesmo se batia com o do Sport Club Cruzeiro, deu-se, motivado, por discussões referentes ao jogo um dolorido conflito entre Ory Conny, operário das oficinas da Viação Férrea, e Luiz Oliveira Rochada, operário da pesca. Ory, usando de um revólver, disparou contra Luiz, detonando somente uma cápsula, que não atingiu o alvo, e este desferiu diversos golpes de bengala. Utilizando-se de uma faca, Ory despachou um profundo golpe no seu antagonista, atingindo-o no mamilo esquerdo e dando-lhe morte quase imediatamente, pois faleceu quando, em automóvel de praça, era conduzido para a Santa Casa, sendo o óbito verificado pelo sr. Dr. Isnard Peixoto, que hoje pela manhã procedeu a autópsia. O homicida, praticado o delito, recolheu-se à casa do contínuo S. C. Internacional, onde foi mais tarde preso por praças da Guarda Municipal, sendo conduzido à Cadeia Civil. O sr. Dr. Isnard Peixoto procedeu também a corpo de delito ao mesmo, constando vários ferimentos na cabeça, ombro e mão. Ory Conny, o homicida, conta 30 anos, é solteiro, residente à rua Visconde do Rio Grande, nº 608. Luiz Oliveira Rocha, a vítima, contava 34 anos, era solteiro e residia à rua Marcílio Dias, próximos às Trincheiras, para onde o corpo foi removido após as formalidades, tendo o sepultamento se efetuado hoje à tarde. (RIO GRANDE, Rio Grande, 07/07/1930)

O triste acontecimento repercute em toda imprensa de maior circulação da cidade. O *Echo do Sul*, por exemplo, direciona sua crítica à falta de segurança no estádio, a negligência policial no episódio, mas principalmente à criminalização da prática do futebol, sugerindo, inclusive, sua proibição (ECHO DO SUL, Rio Grande, 08/07/1930). Obviamente que um fato que envolve a morte de um atleta é totalmente abominável e deve ser amplamente criticado, mas também é verdade que casos violentos no futebol eram extremamente comuns e abrangia clubes vinculados a todos segmentos sociais. Por exemplo, para além de brigas entre jogadores e torcedores, em 1928 a Liga Rio-Grandense, que abrigava os clubes ligados à elite, precisou fazer um apelo às direções dos clubes filiadas pois as suas reuniões estavam sendo suspensas por conta de ameaças de agressão aos membros da diretoria da entidade (A LUCTA, Rio Grande, 18/07/1928).

Não obstante, não se pode perder de vista que os jornais são instrumentos utilizados pelos grupos socioeconômicos para impor suas ideias e interesses, e a imprensa esportiva não está alheia a este processo. Como afirma Fraga,

Não é de se estranhar, portanto, que as primeiras referências nestes jornais às atividades esportivas possam ser também vistas como verdadeiras coberturas das atividades da elite brasileira, promovendo na prática o discurso da eugenia e da higienização. Devemos estar atentos também para o fato de que tais matérias, somadas às propostas de branqueamento do país e de culpabilização de pobres, negros e mestiços por nossos problemas feitos por

intelectuais da época, acabaram por formar um conjunto perfeitamente acabado de legitimação do domínio de um grupo social por outro. Desta forma, o aparecimento dos grupos populares nestes primeiros jornais costumava a se dar sobre o epíteto de “elementos” e estarem localizadas nos espaços destinados às tragédias e desgraças – as mães das atuais páginas policiais – quando não vinculadas há alguma forma de publicidade de que mais parecia ignorar o fim do regime escravocrata. (FRAGA, 2009, p. 154)

De toda forma, fica evidente ao analisar os periódicos da cidade a pressão pública que houve em cima do acontecimento trágico na Liga Rio Branco. Por semanas, o episódio estampou as primeiras páginas dos principais jornais da cidade, com forte teor de repressão não só ao fato, mas à própria prática esportiva no geral. Contudo, diferente da liga Rio Branco, as demais ligas, nas quais também havia casos de violências extremas, seguiram normalmente com seus jogos. Supõe-se, portanto, que tal incidente, e o próprio direcionamento de críticas por parte da imprensa tradicional, foi fundamental para o encerramento precoce das atividades da respectiva liga, não sendo possível obter mais qualquer notícia a seu respeito após tal fato.

Ainda cabe entender os motivos que levaram dois operários a se digladiar até a morte dentro do campo de futebol. A questão da solidariedade e do conflito no interior da classe trabalhadora é alvo de incessante debate na historiografia do trabalho¹⁷. Apesar de não haver consenso, muitos historiadores/as apontam que os conflitos étnicos e as diferenças de nacionalidade tenderam a dificultar a solidariedade de classe e limitar a ação unificada dos trabalhadores. Boris Fausto (1979), em sua clássica obra “Trabalho urbano e conflito social”, foi um dos primeiros autores a defender que, no caso do Rio de Janeiro, as diferenças étnicas e de nacionalidade limitavam uma ação operária mais unificada como era no caso de São Paulo. Outras concepções, a exemplo dos trabalhos de Chalhoub (2001) e Arantes (2005), nas quais a presente pesquisa se encaixa, buscam desnaturalizar certas leituras diretas, entendendo que as ações intraclasses são mais complexas do que podem parecer, refutando a ideia de que cidades com a presença de negros egressos da escravidão entre a classe trabalhadora em formação teriam maior dificuldade de construção de identidade de classe que aquelas localidades que contaram com a imigração europeia em maior proporção.

Isso não quer dizer, contudo, que se defenda que a harmonia e a solidariedade de classe pairavam de forma intacta sobre aqueles trabalhadores e trabalhadoras, que eram indiferentes às diferenças que existiam entre si; mas entender que esta heterogeneidade não deve ser vista como a única responsável pela desmobilização e pelas cisões que existiam no interior do movimento operário, aqui em especial no caso rio-grandino. Nesse sentido, concorda-se com a perspectiva de Kirk Neville em seu artigo no livro *Cultura de classes* (2004), onde este afirma que a classe trabalhadora, assim como qualquer outra classe social, jamais será um ente estático e imutável. Pelo

¹⁷ No que tange aos estudos do movimento operário do Rio Grande do Sul, cabe destacar o trabalho pioneiro de Bilhão (1999).

contrário, tanto elementos de diversidade e semelhanças quanto de divisão e unidade coexistem entre esses segmentos sociais.

Especificamente sobre o caso aqui analisado, já foi amplamente discutido as diversas articulações entre trabalhadores nas sociedades futebolísticas, teatrais, carnavalescas e de representação de classe no período logo posterior à abolição. Como entender, então, as motivações que levaram dois operários a brigarem até a morte num jogo de futebol? Para tal, foi-se atrás do processo-crime do caso, com intuito de descobrir se havia algum antecedente em relação aos jogadores e os clubes envolvidos na confusão; infelizmente, as más condições do documento não permitiram o avanço na análise do material, restando as informações amplamente divulgadas pelos jornais locais. Os perfis sociais de vítima e infrator, segundo a apuração dos periódicos, eram similares: ambos operários, brancos e moradores do bairro suburbano Cidade Nova (ECHO DO SUL, Rio Grande, 07/07/1930). As testemunhas intimadas a depor no dia 22 de agosto de 1930, mostram que os envolvidos na confusão – torcedores e jogadores –, advinham da classe trabalhadora, sendo eles operários de diferentes fábricas da cidade.

Em relação aos clubes envolvidos, tanto o S. C. Cruzeiro como o S. C. Internacional já tinham um histórico de enfrentamento entre si, já que ambos chegaram a disputar outras ligas de futebol na cidade antes da Liga Rio Branco. Assim, uma possível rivalidade entre as equipes pode ser uma chave de explicação, pois a apuração realizada pelo jornal *Echo do Sul* demonstra que o conflito iniciou a partir de provocações entre torcedores das duas agremiações (ECHO DO SUL, Rio Grande, 08/07/1930).

Por mais ínfimos que sejam detalhes que se pode haver ao analisar somente os jornais de maior circulação – e aqui é importante citar que os periódicos ligados aos trabalhadores não divulgaram o caso, não existem apontamentos que indiquem que a discussão tenha sido provocada por diferenças étnicas entre os envolvidos. Dessa forma, a hipótese que se levanta para entender a situação é a construção das “masculinidades” e da “cultura de virilidade” intrínsecas à própria cultura de classe e, também, à cultura futebolística.

A cultura da virilidade está relacionada ao universo masculino, verbalizada através de expressões e atitudes ligadas à coragem e à força. Tal característica foi encontrada em diversos estudos sobre a classe trabalhadora ao longo da história, como na pesquisa do historiador Bruno Mandelli (2022), sobre os mineiros de carvão na região carbonífera de Santa Catarina. O autor reflete como a construção da honra masculina está imbricada nas práticas sociais dos trabalhadores:

Desse modo, a identidade cultural do grupo, marcada por noções como masculinidade e virilidade, era permeada, ao mesmo tempo, pela coesão e pelos conflitos internos alimentados pelas chefias e capatazes como uma forma de pressão para se aumentar a produtividade dos trabalhadores. Um não excluía a existência do outro. A reprodução da dominação masculina se dava nos espaços de trabalho, como forma de reforço da exploração do trabalhador, e fora dele. As noções de virilidade atribuídas ao homem

másculo, segundo Eva Baron, moldam as relações de classe, e estas, por sua vez, retroalimentam as visões de masculinidade dos trabalhadores e nos fornecem elementos para uma visão mais totalizante da classe e de suas formas de protestos. Portanto, a construção da masculinidade entre os mineiros fazia parte de um jogo em que deveria se provar, para si e para os demais membros do grupo, o que era ser um homem “macho”. O que incluía, obviamente, para além dos locais de trabalho, os espaços de sociabilidade masculina: os bares, as festas, as rinhas de galo e as zonas de prostituição. (MANDELLI, 2022, p. 8)

Dessa forma, e apesar de não encontrar fundamentação direta nas fontes, acredita-se que a briga generalizada da Liga Rio Branco pode estar relacionada ao tal ideal de virilidade e de masculinidade. Amparado em Cioccarì, percebe-se que um dos locais de maior manifestação desta cultura da virilidade se deu nos espaços de sociabilidade operária, como o futebol. Para a autora, essa necessidade de afirmação masculina nas práticas esportivas pode ser vista dentro de uma lógica da “pequena honra” (CIOCCARI, 2016, p. 98), que está ligada com um orgulho derivado tanto do trabalho propriamente dito como também no universo que atravessa seu cotidiano, como as disputas esportivas - vistas como “corajosas” ou dignas do mérito. O futebol, assim, era um espaço fértil para que os valores ligados à honra masculina fossem validados perante ao segmento social do qual faziam parte, descambando, muitas vezes, para as vias de fato.

No fim, a decorrência desse triste episódio foi o término precoce da Liga Rio Branco e possivelmente a extinção do S. C. Cruzeiro e S. C. Internacional¹⁸, envolvidos diretamente no acontecimento, os quais deixam de figurar nas informações sobre o futebol da cidade. Outros times que jogavam a Liga, como o S. C. Progresso e S. C. Rio Negro, seguem jogando partidas amistosas entre si e com clubes de Pelotas, chegando a ensaiar uma nova formação de liga autônoma em 1933 (RIO GRANDE, Rio Grande, 20/02/1933).

Por fim, mais do que evidenciar uma possível homogeneidade nas organizações dos trabalhadores rio-grandinos, mostra-se que é preciso estar atento às relações complexas que existiam nos laços estabelecidos por eles dentro e fora do ambiente laboral. Tratando-se especificamente sobre os clubes de futebol proletários, um espaço majoritariamente masculino, a cultura da virilidade era um forte componente. Sendo assim, são espaços de tensão e contradições, mas, ainda sim, de experiência de classe e de formação de identidade desse segmento social.

Cabe frisar, porém, a ausência da perspectiva de gênero dentro dessas experiências organizativas analisadas. Não foi encontrado, por exemplo, a presença de mulheres nesses clubes de futebol do meio operário. Contudo, de acordo com Loner (2016, p.90), os grupos carnavalescos e teatrais de origem negra e proletária frequentemente funcionavam como elos de ligação entre as entidades recreativas e esportivas, com mulheres participando desta articulação. A incorporação das reflexões de gênero aos demais marcadores sociais, portanto, ainda está por ser explorada.

¹⁸ É importante frisar que se trata da extinção de dois clubes da cidade do Rio Grande, não tendo nenhuma relação com as equipes profissionais de mesmo nome de Porto Alegre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Futebol e classe trabalhadora andaram lado a lado no avanço da suposta modernidade capitalista na cidade do Rio Grande. Mesmo que de origem burguesa e elitista, é indiscutível a rápida absorção dessa prática esportiva pelas camadas populares, que logo a adotaram como prática preferida em seu tempo livre. Como demonstrado ao longo do texto, a forma que os trabalhadores, sobretudo negros, usaram para driblar os mecanismos de exclusão social do futebol local foi a formação clubes e ligas independentes onde a demarcação de classe e raça era bem evidente. O exemplo mais evidente desta articulação é a *Liga Rio Branco*, fundada em 1926, que possuía um explícito teor proletário e negro em seus clubes e corpo diretivo. Além disso, mantinha uma profícua relação com outras associações de classe da cidade, denotando uma articulação mais ampla com os símbolos operários e desmistificando aquela ideia de que agremiações recreativas eram espaços unicamente de alienação da classe trabalhadora. Portanto, seja enquanto espaço de aglutinação e sociabilidade ou nas relações que possuíam com o movimento operário na sua diversidade, pode-se concluir que a Liga Rio Branco cumpriu um papel importante na formação de uma identidade de classe. Isso não quer dizer, contudo, que classe seja algo estático e imutável; pelo contrário, havia diferenças e particularidades no seu interior, ainda que no caso analisado parece ter sido mais um espaço para solidariedade do que propriamente para rivalidade.

No âmbito da historiografia, o artigo se relaciona com o esforço para ampliar a perspectiva sobre a classe trabalhadora, analisando as múltiplas conexões entre relações raciais e mundos do trabalho, e incorporando as experiências organizativas dos trabalhadores negros à história social do trabalho. Em Rio Grande, uma cidade onde a presença de trabalhadores/as escravizados/as foi mais abundante que outras regiões, o protagonismo desses sujeitos na formação de múltiplas associações com recorte de classe e raça foi marcante, à exemplo da Liga Rio Branco, onde eram suas principais lideranças. Mesmo que de forma singela, assim, espera-se que o artigo possa contribuir no debate acerca da centralidade da questão racial na historiografia do trabalho¹⁹, partindo do associativismo como um caminho de aproximação entre os estudos do movimento operário e aqueles dedicados ao campo do Pós-abolição.

Dito isso, ressalta-se a relevância de resgatar o futebol enquanto um fenômeno de massas de grandes proporções, profundamente enraizado no imaginário social da classe trabalhadora, não estando limitado à lógica capitalista. Até por isso, volta-se às origens de quando o futebol ganhou efetivamente uma dimensão popular, a partir de um contraponto organizativo dos trabalhadores ao caráter elitizado do âmbito futebolístico oficial, cujas ligas e agremiações eram formadas

¹⁹ Sobre um balanço historiográfico dentro do campo do Mundos do Trabalho acerca de estudos que analisam a relação entre classe e raça, ver: POPINIGIS, Fabiane; TERRA, Paulo Cruz. “Classe, raça e a história social do trabalho no Brasil (2001- 2016)”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 32, n. 66, p. 307-328, jan./abr. 2019.

majoritariamente por grupos atrelados aos setores dominantes. É nossa responsabilidade que a memória desses clubes e entidades formados e gerenciados pela classe trabalhadora, responsáveis pela proliferação do esporte às camadas populares, esteja sempre acesa.

REFERÊNCIAS

Fontes

- ALVORADA, Pelotas, 20/07/1919.
- A LUCTA, Rio Grande, 18/6/1925.
- A LUCTA, Rio Grande, 26/6/1925.
- ECHO DO SUL, Rio Grande, 11/06/1925.
- A LUCTA, Rio Grande, 16/4/1926.
- ECHO DO SUL, Rio Grande, 04/05/1926.
- A LUCTA, Rio Grande, 30/7/1926.
- RIO GRANDE, Rio Grande, 17/08/1926.
- RIO GRANDE, Rio Grande, 4/08/1927.
- ECHO DO SUL, Rio Grande, 15/10/1928.
- O TAGARELLA, Rio Grande, 01/05/1929.
- O TAGARELLA, Rio Grande, 07/07/1929.
- O TAGARELLA, Rio Grande, 04/08/1929.
- RIO GRANDE, Rio Grande, 22/10/1929.
- O TAGARELLA, Rio Grande, 01/05/1930.
- RIO GRANDE, Rio Grande, 07/07/1930.
- ECHO DO SUL, Rio Grande, 07/07/1930.
- ECHO DO SUL, Rio Grande, 08/07/1930.
- RIO GRANDE, Rio Grande, 20/02/1933.

Bibliografia

- ANTUNES, Fátima. **Futebol de fábrica em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – USP, São Paulo, 1992.

ARANTES, Erika Bastos Arantes. **O Porto Negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX.** Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, Campinas, 2005.

BILHÃO, Isabel. **Rivalidades e solidariedades no movimento operário: Porto Alegre 1906 – 1911.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BRESOLIN, Felipe Treviso. **Jogo, logo existo: futebol, conflito social e sociabilidade na formação da classe trabalhadora em Rio Grande/RS.** 2023. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

CIOCCARI, Marta. Entre o campo e a mina: valores e hibridações nas trajetórias de mineiros de carvão no sul do Brasil. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 7, n. 14, p. 75–98, 2016.

CORREIA, Jones Mendes. **Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo: um estudo sobre a emergência e o processo de (des) elitização do futebol na cidade de Rio Grande – RS (1900 – 1916).** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

CRUZ, Matheus. **Clubes sociais negros: memória e esquecimento do Clube Recreativo e Cultural Braço é Braço.** (Rio Grande, RS, 1969 – 1992). 2014. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

FORTES, Alexandre. Da solidariedade à assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. In: **Cadernos, AEL.** Campinas, Vol. 6, nº 10/11, 1999.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social.** Rio de Janeiro. DIFEL, 1979.

FRAGA, Gersos Wasen. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950.** 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GRIGIO, Enio.; BRUNHAUSER, Felipe; OLIVEIRA, Franciele; RODRIGUES, Luiz; LIMA, Taiane (Orgs.). **Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações negras dos séculos XIX e XX.** Santa Maria: GEPA UFSM, 2020.

GUAZELLI, César Augusto Barcellos et al. (Orgs.). **À sombra das chuteiras meridionais: uma História Social do Futebol (e outras coisas...).** Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

HOBSBAWM, Eric. **Mundos do trabalho.** 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

HOLLANDA, Bernardo Buarque; FONTES, Paulo. **Futebol & mundos do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

LONER, Beatriz. **Construção de classe: Operários de Pelotas e Rio Grande.** 2. Ed. – Pelotas: Ed. UFPel, 2016.

LONER, Beatriz. O movimento operário na cidade de Rio Grande na República Velha. In: Alves, Francisco das Neves. **O mundo do trabalho na cidade do Rio Grande.** Coleção pensar a história sul-rio-grandense: Rio Grande, 2001.

MACKEDANZ, Christian Ferreira. **Racismo “nas quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

MACKEDANZ, Christian Ferreira; RIGO, Luiz Carlos. “Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930). **Cadernos de História**, v. 22, n. 37, p. 222-239, 30 nov. 2021.

MANDELLI, Bruno. A construção das masculinidades dos trabalhadores das minas de carvão em Santa Catarina (1940-1970). **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 14, p. 1-19, 2022.

MARTINS, Solismar Fraga. **A visão dos moradores sobre o planejamento urbano**: um estudo do Bairro Santa Tereza. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 1997.

MATTOS, Marcelo Badaró. Recuando no tempo e avançando na análise: Novas questões para os estudos sobre formação da classe trabalhadora no Brasil. In: GOLDMACHER, Marcela; MATTOS, Marcelo Badaró; TERRA, Paulo Cruz (Orgs.). **Faces do trabalho**: escravizados e livres. Niterói: EdUFF, 2010.

NEVILLE, Kirk. Cultura: Costume, comercialização e classe. In: Batalha, Cláudio; FORTES, Alexandre; SILVA, Fernando Teixeira da. (orgs.). **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2004.

PEREIRA, Leonardo Affonso. **A cidade que dança**: clubes e bailes negros no Rio de Janeiro (1881-1933). Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2020.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (Doutorado em História) - UNICAMP, Campinas, 1998.

POPINIGIS, Fabiane; TERRA, Paulo Cruz. “Classe, raça e a história social do trabalho no Brasil (2001- 2016)”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 32, n. 66, p. 307-328, jan./abr. 2019.

POPINIGIS, Fabiane et. al, “Dossiê: Associativismo e experiência negra nas lutas por direitos”. In: **Revista Latinoamericana de Trabajo y Trabajadores**, 2 (mayo-octubre 2021), 215-257.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora UFPel, 2004.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro, Mauad Editora Ltda, 2003.

SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

SILVA, Tiago Rosa da. **Vivências e experiências negras em Bagé-RS no Pós-abolição**: imprensa, carnaval e clubes sociais negros na fronteira sul do Brasil – 1913 – 1980. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.